

10-2017

África do sul: Uma 'nação arco-iris'

José Manuel Sabeça

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana>

Recommended Citation

Sabeça, J. M. (2017). África do sul: Uma 'nação arco-iris'. *Missão Espiritana*, 27 (27). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana/vol27/iss27/67>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

Mas Deus lá tem os seus planos. A força de Deus, pelo poder da oração, parece ter ajudado a mudar os desígnios dos homens. Famílias, comunidades cristãs, grandes multidões se reuniram em oração pedindo o dom da paz para este tempo crucial. Dois dias depois dum grande encontro de oração, em Durban (NATAL), o IFP — INKATHA — anunciou a sua vontade de entrar na corrida. Graças a Deus. A violência baixou. O ambiente melhorou.

Esta onda de paz viu convergir no dia 27 de Abril, 19 milhões de sul-africanos para os locais de voto. Como observador internacional pude verificar, nos 10 ou 20 locais que visitei, uma alegria serena mas libertadora no rosto daqueles que acabavam de votar, dando assim expressão à sua ânsia por uma vida melhor, liberta finalmente do “fantasma” do apartheid e do racismo. “Free at last!” Finalmente livres! Esta liberdade não é ainda garantia de um futuro melhor, mas para quem tanto ansiou, lutou e sofreu, é razão suficiente para celebrar, festejar. Este ambiente de festa percorreu o país de lés-a-lés. Aqui, em Lamontville, onde vivemos, quando às 8.30 da noite do dia 3 de Maio, Nelson Mandela fez o seu discurso de vitória, foi ver crescer nas ruas, multidões de gente miúda e graúda cantando e dançando. Comovente! Bonito!

O futuro é de expectativa, até porque aqui, na Província de Natal o partido que saiu vencedor foi o partido Inkatha. Deus queira que isso não conduza de novo esta região para o já velho confronto político entre o Inkatha e o ANC, vencedor a nível nacional.

Que o Espírito Santo continue a assistir os líderes deste país e renove em cada um de nós a força missionária que, em dia de Pentecostes, congregou diferentes povos na Comunhão de um só povo.

Votos de um santo Pentecostes.

‘Encontro’, Junho de 1994, pp. 10 e 11.

ÁFRICA DO SUL UMA ‘NAÇÃO ARCO-IRIS’

O P. José Manuel Sabença, missionário Espiritano, está na África do Sul desde Janeiro de 1993. Decidiu entrar para o ‘combóio’ que levava o povo sul-africano rumo a uma nova África do Sul, liberta do pesadelo do ‘apartheid’.

Nesta sua primeira grande entrevista, o P. José Manuel convida-nos a fazer esta ‘viagem de combóio’. Pararemos em algumas estações, umas mais bonitas e outras menos agradáveis.

Para que a África do Sul seja uma 'Nação Arco-Iris' - como lhe chamou o prémio Nobel da Paz Desmond Tutu - o P. José Manuel e a sua comunidade espiritana lançaram o 'Hostel Project'.

Vamos até lá, com guia que fala na primeira pessoa.

A M. – Como encontraste a África do Sul?

P. J. M. Sabença: - Encontrei-a em Janeiro de 1993, no momento de transição do sistema do 'apartheid' para a nova situação que vivemos hoje. Era tempo de esperança e medo. A população branca, especialmente, receava o futuro. 'Que irá acontecer às nossas vidas, aos nossos filhos, às nossas casas, aos nossos carros, às nossas fábricas, etc? O medo e a incerteza do futuro, levou muitos deles a sair do país, sobretudo os que tinham vindo de países europeus, como de Portugal. Mas, muitos brancos tinham já nascido aqui. Tiveram, pois, de enfrentar o medo e correr o risco. Era uma atitude prática que, até certo ponto, a figura pública de De Klerk personificava. Verificando este que já não podia manter o sistema político do apartheid, procurou fazer a viragem tão suavemente quanto possível, para o povo que representava – os brancos.

Do lado da população de cor e de numerosas organizações que combatiam o apartheid, houve esperança e expectativa. Esperança de que tinha chegado o momento de saltar para o 'combóio', rumo a uma nova África do Sul. Expectativa porque o tempo da opressão caminhava para o fim e a liberdade ia tomando expressão. Nelson Mandela personificava a esperança e a liberdade.

A.M. – Quais as 'estações' por que devia passar este 'combóio' para chegar ao seu destino?

P. J. M. Sabença: - Antes de mais, De klerk chamou a população branca a um referendo para aprovar a mudança. Os brancos responderam 'sim'. A segunda 'estação' foi um longo processo chamado 'Cadessa', que incluía reuniões no 'World Trade Center', em Pretória, onde todos os partidos, mesmo as Igrejas, prepararam os caminhos do futuro. Um dos seus principais trabalhos foi a organização das primeiras eleições nacionais livres para todos, e constituição de um governo de unidade nacional. Foi um longo processo, por vezes muito doloroso, principalmente por causa de alguns partidos, como o INKATHA de Buthelezi, que se retiraram da conferência e ameaçaram boicotar a 'viagem'. Só a uma semana do dia das eleições, estes partidos decidiram aceitá-las, Toda a gente, particularmen-

te na província de Natal-Kwa-Zulu, predizia um banho de sangue. Tal não aconteceu em grande escala.

A.M. – Qual foi o papel da Igreja em todo este processo?

P. J. M. Sabença: - Eu preferia dizer ‘o papel das Igrejas’ porque todas elas trabalharam unidas ao longo deste processo. As Igrejas cristãs foram envolvidas nas negociações de paz, especialmente, na conturbada província Natal-Kwa-Zulu. Ajudaram muito, formando as pessoas para a democracia, ensinaram as pessoas a votar e até colaboraram na verificação das eleições. Esta ‘viagem’ foi acompanhada em todo o país com muita oração. Ainda me lembro de uma imensa multidão de cristãos reunidos no estádio de Durban, uma semana antes das eleições, pedindo a Deus paz e serenidade. Algumas horas depois, o partido de Buthelezi – Inkatha – anunciava que iria votar.

A.M. – E tu também participaste no processo de verificação das eleições?

P. J. M. Sabença: - Sim, participei.

A.M. – Concretamente, em que consistiu essa participação?

P. J. M. Sabença: - Estando num país estrangeiro, ofereci-me como Observador Internacional. Foi uma grande experiência. Nunca esquecerei a expressão de alegria nas faces de muitíssimas pessoas que votaram pela primeira vez. Foi um dia muito quente, mas aquela gente manteve-se nas filas de voto durante muitas horas, com enorme paciência e ordeiramente. Fui a alguns postos de votação numa área de certa tensão aqui em Natal-Kwa-Zulu, mas tudo correu bem e pacificamente, embora com certas irregularidades aqui e ali.

A.M. – Deixemos as irregularidades para outra ocasião e falemos de coisas mais interessantes. O arcebispo Tutu chamou à África do Sul uma ‘Nação Arco-Iris’. Presentemente, isso é verdade?

P. J. M. Sabença: - De facto, a África do Sul é um arco-iris por causa dos povos que ali vivem e ali nasceram. Uma sociedade multirracial, onde, segundo a Constituição, todos são iguais e têm os mesmos direitos. Mas, na prática, há ainda um enorme abismo entre os níveis de vida da maioria dos brancos e a maioria dos negros. Acabou o apartheid e muito se tem

feito para o enterrar, mas há ainda muita pobreza, miséria, desemprego, violência e falta de habitações, juntamente com roubos, crimes, sida, alcoolismo...

A.M. – Como vês, então, o futuro desta ‘Nação Arco-íris’?

P. J. M. Sabença: - Há muita coisa que importa fazer e preparar devidamente, mas muitas são as pessoas decididas a cumprir as promessas do Governo. Espero que a África do Sul possa tornar-se uma nação profundamente pacífica, onde os sul-africanos tenham orgulho de viver e ser felizes. A África do Sul pode tornar-se um exemplo para outras nações e favorecer o desenvolvimento, a justiça e a paz em toda a África. Espero que o consiga.

A.M. – Fala-nos agora um pouco do teu trabalho missionário.

P. J. M. Sabença: - Vim para a África do Sul, juntamente com outros dois colegas, tentar afirmar a presença e acção da Igreja entre os habitantes dos ‘Hostels’. Estamos empenhados no ‘Hostel Project’.

A.M. – Que é exactamente um ‘Hostel’?

P. J. M. Sabença: - ‘Hostel’ é um enorme edifício onde existem divisões que são partilhadas por vários homens ou mulheres (6 a 8 por divisão). O maior hostel aqui na área de Durban aloja cerca de 30 mil pessoas. Por isso, já se pode imaginar a enormidade de tais edifícios. Os ‘hostels’ foram construídos pelo governo do apartheid. Os brancos precisavam dos negros para trabalhar nas fábricas, na construção... Mas não os queriam a residir com as suas famílias nas cidades e áreas industriais. Por isso, edificaram os ‘hostels’ nas periferias das cidades. Aqui residiam os trabalhadores, os homens nuns ‘hostels’ e as mulheres noutros.

A.M. – E é possível viver nestas circunstâncias?

P. J. M. Sabença: - De facto, esta situação prejudicou imenso a sua maneira de viver, especialmente a vida familiar. Para agravar a situação, nos últimos anos, aumentou muito o desemprego. Além do mais, para cúmulo, muitas pessoas vieram para a cidade, esperando melhorar a sua situação económica ou fugir à violência dos lugares onde viviam. Apareceram os bairros de lata.

A.M. – Qual é o teu trabalho nos ‘hostels’?

P. J. M. Sabença: - A nossa missão principal é estar ali, no meio deles, como um sinal da presença de Deus. Por outras palavras, procuramos dizer-lhes que Deus os ama. Não fazemos muito por eles, mas, ao menos, começam a relacionar-se com alguém – um branco – que não é patrão. Procuramos ouvi-los, rezar com eles e entrar no seu difícil estilo de vida marcado pela desconfiança e pelo medo. Leva muito tempo a ganhar-lhes a confiança. No princípio éramos vistos como polícias. Agora, já somos aceites e recebidos como pessoas de Deus. A nossa presença ajuda, de certo modo, a criar a paz.

A.M. – Que balanço fazes destes três anos de África do Sul?

P. J. M. Sabença: - Ainda é muito cedo para fazer balanços. Mas, ao fim de três anos de trabalho, muitas vezes difícil e frustrante, começamos já a ver alguns frutos. Agora já falamos com as pessoas nos ‘hostels’, rezamos com eles, e até bebemos um copo. Procuramos formar pequenos grupos e integrá-los na paróquia local. Promovemos ainda pequenos projectos de desenvolvimento, tais como grupos de costura, aulas para ensinar a ler e escrever, para ensinar dactilografia, etc.

Estou convencido de que vale a pena continuar com esta presença, porque, como Igreja, precisamos de ir ao encontro das pessoas se queremos que elas pela Igreja se aproximem de Deus.

*Entrevista conduzida por Firmino Cachada.
‘Ação Missionária’, Abril de 1996, p.3.*

ENTRE OS ZULUS DA ÁFRICA DO SUL

O P. José Manuel Sabença, missionário entre os Zulus da África do Sul, já é bem conhecido dos nossos leitores. Recentemente, esteve em Portugal, em período de férias.

Já por diversas vezes aqui tivemos ocasião de ler os seus testemunhos sobre o trabalho que está a fazer desenvolvido em condições difíceis e, por vezes, mesmo perigosas. Mas ele não é missionário para se deixar vencer ao primeiro desafio e viu a mão protectora de Deus nas situações